

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Abril de 1992



ESCOLAS CRISTÃS DE FÉRIAS
Uma força evangelística

NESTE NÚMERO

2 Dia Mundial de Baptismos

Por Carlos E. Aeschlimann

3 Três Projectos

Por J. Morgado

4 «As Minhas Duas Testemunhas Vestidas de Saco»

Por Pedro Brito Ribeiro

7 No Espírito de Elias

Por Hans K. LaRondelle

10 Evangelismo Infantil? Certamente que sim!

Por Luis Nunes

12 A Igreja e o seu Testemunho

Por José Carlos Costa

14 Três Etapas da Obra em Angola

Por Vasco Cubenda

16 Uma Igreja Saudável

Por Richard V. Schwarz

18 Notícias

20 Jesus é a Resposta

Por Joaquim Dias

PENSAMENTO DO MÊS

A única esperança humana de paz está na cruz de Cristo, onde todos os homens, seja qual for a sua nacionalidade ou raça, podem tornar-se uma nova fraternidade

Billy Graham

MISSÃO GLOBAL

Dia Mundial de Baptismos

— 30 de Maio de 1992 —

Um dos objectivos do plano de Missão Global é manter um programa de evangelização contínuo. As três palavras-chave que definem tal programa são: Buscar, Colher e Conservar. O que significa que devemos procurar em todos os grupos de pessoas aquelas que porventura possam manifestar interesse pela Verdade, que devemos instruí-las, baptizá-las e conservá-las na igreja como membros fiéis e activos. Cada igreja deveria ter um plano mensal de baptismos. Os candidatos que estivessem preparados podiam então ser imediatamente baptizados, dado que essas cerimónias constituem, simultaneamente, uma oportunidade para apelar a novas decisões e obter os nomes e moradas daqueles que respondem, propondo-lhes, seguidamente, estudos bíblicos.

No Concílio Anual de Perth, a Igreja votou unanimemente: “Designar o último Sábado de Maio como Dia Mundial de Baptismos, a começar em 1992, e recomendar a todas as igrejas no mundo inteiro que realizem um serviço de baptismos de cunho evangelístico, apelando a decisões por parte dos amigos da igreja que ainda não são Adventistas.” A data do próximo Dia de Baptismos é o Sábado 30 de Maio de 1992.

Esta recomendação convida a igreja mundial a unir-se na realização de um baptismo mundial, com o maior número possível de candidatos bem preparados.

Conquanto a ideia seja de ter uma cerimónia baptismal em cada igreja, algumas igrejas poderiam unir-se e ter uma cerimónia baptismal em conjunto. Isso redundaria num baptismo de cunho evangelístico, para o qual os membros convidariam os seus amigos, família e interessados. O importante é que constitua uma oportunidade de apelo a novas decisões, pois o serviço baptismal é o melhor momento para obter decisões. Grupos especiais, como juvenis, jovens, casais e amigos, poderiam ser baptizados juntos.

Deveríamos desde já anunciar que esta cerimónia baptismal é um acontecimento mundial. Que nesse sábado, em todo o mundo, haverá almas que selarão um pacto com o Senhor Jesus e que virão engrossar as fileiras da Igreja Adventista. O alvo mundial para o dia 30 de Maio de 1992 é 150.000 almas, uma colheita a ser feita em todos os cantos da Terra.

Carlos E. Aeschlimann

Secretário-adjunto da Associação Ministerial da C. G.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril de 1992 - Ano L • N.º 541

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 950\$00
Número Avulso 95\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



Três Projectos

Nos últimos meses, começando no 1.º trimestre de 1991, foram lançados apelos para três projectos na nossa União.

Desejaríamos dar contas deles a todos os irmãos que para eles dedicadamente contribuíram e, ao mesmo tempo, agradecer a cada um todo o esforço feito em favor dos mesmos.

O primeiro projecto diz respeito à colecta levantada para a compra de uma carrinha adaptada ao serviço de medição de tensão arterial. Creio ser um plano missionário que poderá dar dividendos extraordinários nas acções a desenvolver conjuntamente com as nossas igrejas ao longo do país, e, também, em certas ocasiões especiais de Planos de 5 Dias, congressos, seminários, etc.

O total levantado ronda os 800.000\$00 que, como compreendêrão, para pouco mais chega do que a quarta parte do projecto total. No futuro, serão feitos outros apelos e esperamos que o coração de muitos será tocado, e que assim poderemos ter dentro em breve esta unidade a funcionar.

Pensamos que a oferta a ser levantada na Assembleia da União poderá engrossar o montante já alcançado. Todos os que desejarem poderão enviar algum donativo para este plano.

O segundo projecto diz respeito à oferta em favor da jovem Sónia. Não sei se em todas as igrejas o apelo foi feito com a informação e o entusiasmo devidos. Foi alcançado o total de Esc. 1.416.243\$50. De acordo com o voto do Conselho da União, esta importância será posta à disposição da Sónia quando ela completar 18 anos. Até lá, os juros serão acumulados ou ser-lhe-ão entregues para alguma necessidade especial que surja e que receba o acordo do Conselho da União.

Desejamos agradecer a todos os que contribuíram pelo esforço que fizeram. Com certeza que o nosso dom não lhe permitirá encontrar um novo braço, mas será um pequeno lenitivo para qualquer projecto especial que ela tenha na sua vida.

O terceiro projecto da nossa União foi uma colecta especial para a reconstrução da antiga igreja de S. Julião. S. Julião é um dos lugares mais antigos em que a mensagem adventista penetrou e o edifício ali existente, em ruínas, não honra a nossa presença naquele lugar. Já depois de lançado o apelo, despareceram do lugar os únicos adventistas que lá viviam. Hoje S. Julião é uma aldeia com meia dúzia de pessoas idosas. É uma aldeia que tende a desaparecer.

Em vista disto, tivemos um encontro com os Conselhos das igrejas de Portalegre, Ribeira de Nisa e grupo de Santo António das Areias. Desse encontro surgiu uma recomendação baseada no trabalho missionário que as três igrejas têm feito, ultimamente, em Castelo de Vide.

Castelo de Vide é uma vila promissora, em franco progresso, e onde oito membros de igreja se reúnem

regularmente com algumas visitas.

Em vista destas perspectivas, os nossos irmãos são de opinião de que deveríamos aplicar o total da oferta na implantação de uma igreja naquele lugar. É certo que a importância levantada, cerca de mil setecentos e oitenta contos, não chega para a compra de um edifício, tal como não chegava para a reconstrução de S. Julião. Mas chegará para a adaptação de uma sala para reuniões adventistas.

Estivemos reunidos com os pastores e anciãos de todas as igrejas do continente e apresentámos-lhes o assunto. Todos concordaram com este plano.

No entanto, se houver algum irmão que não concorde com a mudança do projecto da sua oferta, e apresentar o pedido por intermédio da sua igreja, a União devolver-lhe-á a sua oferta.

Estamos muito gratos a todos os irmãos pelo esforço feito para o desenvolvimento do nosso trabalho e para que a obra de Deus avance. Que o Senhor abençoe grandemente os projectos da Sua igreja em Portugal!

J. Morgado

Presidente da União Portuguesa

Convocatória

De acordo com o parágrafo 1.º do Artigo 6 dos Estatutos desta União, é convocada a Assembleia-geral ordinária para os dias 1 a 5 de Julho de 1992, na sua Sede em Lisboa, Rua Joaquim Bonifácio, n.º 17, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Apreciação dos Estatutos.
2. Eleição do Conselho Director para o próximo período.
3. Tratar de todos os assuntos propostos pelas Igrejas.

O Presidente

Joaquim Alegria Morgado

«As Minhas Duas Testemunhas Vestidas de Saco»

«E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco» (Apoc. 11:3).

Que significam estas duas testemunhas que profetizam vestidas de saco, durante 1260 anos?

Um saco, como vestimenta, no Oriente, é sinal de profunda tristeza. É, de facto, sabido, que o longo e obscuro tempo da Idade Média foi, para a verdadeira igreja de Deus e para o puro evangelho, um período de sofrimento e luto. Assim, nessas “duas testemunhas”, alguns intérpretes das Escrituras viram duas personagens reais. Mas tal interpretação não se coaduna, de modo algum, com o simbolismo da visão, nem com o facto de que a sua história cobre um período de mais de mil anos.

Considerando o princípio irrefutável de que a Sagrada Escritura se interpreta a si própria, o verso 4 do capítulo 11 de Apocalipse esclarece que essas “duas testemunhas” são, simultaneamente, chamadas “duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus de toda a terra”. Esta maravilhosa dicotomia de revelação e de acção perfeita encontra-se narrada no livro de Zacarias 4:3-6, 11-14.

No castiçal, e no precioso óleo que o alimenta, está representado o Velho Testamento, que nas suas inspiradas páginas é chamado de “Lâmpada” e de “Luz” (Salmos 119:105, 130). E se a visão de João nos põe face a “dois castiçais”, é que ao Antigo Testamento se veio juntar o Novo Testamento, para formar o todo e indissolúvel conjunto da Palavra de

Deus, dupla luz espiritual, alimentada pelo sagrado óleo do Espírito Santo, para que ambos possam alumiar os indivíduos e as nações no meio das trevas deste século mau.

Do livro *Parábolas de Jesus*, de E. G. White, extraio estas inspiradoras palavras: “A missão dos dois ungidos é comunicar ao povo de Deus aquela graça celestial que, somente, pode fazer da Sua Palavra uma lâmpada para os pés e uma luz para o caminho. “Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos” (Zac. 4:6).”¹

“As duas testemunhas vestidas de saco”

“O cristianismo e a reforma são as duas maiores revoluções da história”, afirma J.H. Merle D’Aubigné, no seu livro *História da Reforma do décimo-sexto século*.²

Para nos esclarecer acerca da verdade e do tempo em que “as duas testemunhas profetizaram vestidas de saco”, escreveu, também, Merle D’Aubigné: “A história do protestantismo poderá não interessar senão aos protestantes, enquanto que a da reforma é para todos os cristãos ou, antes, para todos os homens.”³

Essas duas revoluções — Cristianismo e Reforma — foram, cremos, as maiores da história, e os resultados que produziram abalaram o mundo, espiritual e moralmente. Será que as mesmas ainda hoje, quase no dealbar do século XXI, poderiam suscitar essa dupla revolução e voltar a abalar o mundo no seu estado de decadência moral e espiritual? Reforma e Bíblia são da mesma raiz comum: o Cristianismo. Estão uma para a outra como o fruto para a árvore.

Sobre o tema Bíblia e Reforma,

e conseqüente despertar religioso, escreveu o Dr. Jonathan Goforth, missionário na China nos princípios deste século: “Nós afirmamos que não podemos contar com uma reforma geral e um despertar, envolvendo a Terra inteira, pelo Espírito Santo, a não ser que se volte primeiro à Bíblia. As dúvidas lançadas sobre a Palavra de Deus desonram absolutamente o seu Autor. **Que dor não deverá ser a Sua, quando Ele vê ser tão pouco estimado pelos homens o Livro que dá testemunho do Seu Filho! Se a Bíblia não é para nós, em toda a sinceridade, a Palavra do próprio Deus**, as nossas orações não passam de zombaria e de mofa. Nunca houve despertar onde não existiram homens e mulheres crentes, de todo o coração, na Palavra de Deus, apoiando-se sobre as suas promessas.”⁴

Acerca das “duas maiores revoluções da história”, e das armas nelas usadas, o Dr. Goforth afirma: “A espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, é a única arma que sempre tem sido utilizada com poder num reavivamento espiritual. A Palavra de Deus é sempre, para aquele que crê, o que ela diz de si mesma: ‘UMA ESPADA’, ‘UM FOGO’, ‘UM MARTELO QUE ESMIUÇA A ROCHA’.” Pelo que, “Assim que Lutero traduziu a Bíblia em alemão, a Alemanha foi perdida para Roma”.⁵

A Palavra de Deus declara: “E depois daqueles três dias e meio, um espírito de vida vindo de Deus, entrou neles e puseram-se sobre os seus pés e caiu grande temor sobre os que os ouviram” (Apoc. 11:11). O Evangelho não devia permanecer no estado de “corpos mortos na praça pública”, como diz o verso 8 do mesmo

capítulo, para que “sobre eles os habitantes da terra se alegrassem e mandassem presentes uns aos outros, porque estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra” (verso 10). O homem imaginava-se feliz quando pode silenciar ou abafar a voz de Deus na sua consciência. Essa “alegria”, porém, devia durar um curto espaço de tempo, neste amordaçar “das duas trestemunhas”.

A Bíblia reabilitada e triunfante

“E ouviram uma grande voz do céu que lhes dizia: subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem, e os seus inimigos os viram” (Apoc. 11:12). Bela imagem de uma reabilitação que termina em apoteose!

Recuando, ainda um pouco, na história referente a estes “três dias e meio” ou, profeticamente, três anos e meio, Merle D’Aubigné, no referido livro, *História da Reforma do décimo-sexto século*, coloca-os no período dos 1260 anos de perseguições (de 538 A.C. a 1798 A.D.) Diz ele, falando da Verdade oculta nesse período: “A Verdade, para atravessar em paz os tempos em que Roma a teria de certo modo esmagado com o seu ceptro de ferro, fizera como o insecto que com os seus fios tece o casulo em que se encerra, acautelado contra a má estação. E, coisa singular, os instrumentos de que para tal fim se servira esta verdade divina, foram os tão desacreditados escolásticos. Estes industriais operários de pensamentos tinham-se posto a desfilar todas as ideias teológicas. De todos estes fios urdiram uma teia sob a qual teria sido difícil, mesmo a outros mais hábeis do que os seus contemporâneos, reconhecer a verdade em sua primitiva pureza. Pode-se lastimar que o insecto cheio de vida e, por vezes, ataviado das mais lindas cores, se vá encerrar, aparentemente inanimado, em seu casulo obscuro. Mas este envoltório inanimado é que o salva. Aconteceu o mesmo com a Verdade.”⁶

A Fiel Testemunha, Cristo, tinha declarado a João, Seu servo: “Darei poder às Minhas duas Testemunhas...” E, como diz o ditado, que

“o diabo faz sempre uma obra que o engana”, assim, diz D’Aubigné, “eles, os papas, ou não deram fé dela (a Verdade) ou pensaram que em tal estado — de metamorfose — ela não os podia prejudicar.” E foi assim que, segundo o mesmo autor, “tomaram debaixo da sua protecção tanto os obreiros como a obra”. “E agora a Primavera já poderia vir, altura em que a Verdade escondida levantaria a cabeça e arrojaria para longe de si os fios que a encobriam. Tendo, na sua tumba aparente, bebido novas forças, ver-se-ia no dia da sua ressureição alcançar a vitória sobre Roma e os seus erros.” E acrescenta ainda D’Aubigné: “Nós os cristãos, não duvidemos — e quão doce é este pensamento — tivemos muitos irmãos e irmãs nesses mosteiros onde, por via de regra, só se encontra a hipocrisia e o engano.”⁷

Entre estes “muitos irmãos”, é gratificante mencionar dois: Faber, mais conhecido pelo nome de Lefèvre d’Etaples, e Guilherme Farel. Foi em Paris, cerca de 1519, que esses dois amigos, diz o Pastor S. Delattre (autor da obra *Guillaume Farel*), “tiveram os olhos completamente abertos.” Lefèvre, com efeito, desde que compreendeu e recebeu a verdade no coração, pôs-se a anunciá-la fielmente. “Só Deus, dizia ele, justifica os pecadores pela sua graça e pela fé...” G. Farel, por sua vez, “não compreendia tudo, mas tinha recebido no seu espírito e no coração, com infinita gratidão, a seguinte verdade: “É que nós somos salvos pela graça, por meio da fé. E querendo mergulhar-se na contemplação do Salvador, exclamava: Oh! Se tão-somente eu pudesse conhecer por experiência Jesus Cristo crucificado, esse dom precioso, no qual os anjos desejam mergulhar os seus olhares! (I Pedro 1:12).”⁸

Do que acaba de ser dito, acerca da descoberta destes “dois irmãos” que se libertaram dos erros de Roma, tudo se resume em três palavras: “**justiça, graça e fé**”. Quão doce foi para eles esta descoberta! Sim, como diz ainda D’Aubigné, “a igreja tinha caído porque lhe tinha sido arrebatada a *grande doutrina da justificação*

pela fé no Salvador. Para que ela, a igreja, se levantasse, era mister que lhe fosse restituída essa doutrina. Uma vez restabelecida essa verdade fundamental, todos os erros — toda essa multidão de santos, obras pias, penitências, missas e indulgências, tinham de desaparecer. Uma vez reconhecido o único Mediador e o Seu sacrifício, todos os outros mediadores, mediadoras e sacrifícios se sumiam. Este artigo da justificação pela fé é o que cria a igreja, que a nutre, que a edifica, que a conserva e que a defende”.⁹

Para a igreja, seus ministros e membros, e para o mundo em geral, para quem está chegado o fim dos séculos, a grande pergunta é: Que fazer da GRANDE DOUTRINA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ ?

Os que nos séculos passados aceitaram a mensagem da doutrina da **Justificação pela Fé** experimentaram um genuíno despertar espiritual. Que deverá ser feito para que a igreja faça uma tal experiência hoje? Não está a doutrina da **Justificação pela fé** em relação directa com a **mensagem dos três anjos de Apocalipse 14**? Não é ela a resposta de Deus a Babilónia?

O Senhor prometeu “dar poder às Suas duas testemunhas para profetizarem vestidas de saco”, e esse poder iria acompanhado de “fogo que saíria das suas bocas” (Apoc.11:5). Tão evidentes foram os resultados que, como sempre, a Palavra se devia cumprir: “Porque a cólera do homem redundará em Teu louvor e o restante da cólera Tu o restringirás” (Salmos 76:10). Mediante “o Espírito de Vida, vindo de Deus, que entrou nelas, as Testemunhas puseram-se de pé” (Apoc.11:11), e que temor, por um lado, e destemor, por outro, não suscitaram elas naqueles que não só “as viram” mas as abraçaram! O poder do Espírito e a acção do fogo, vindos do céu, suscitaram nas almas tal entusiasmo e fé que por elas estavam prontos a dar as suas vidas!

Além dos que já foram citados atrás, falta-nos o tempo, a memória e o espaço, para falar daqueles que, a exemplo de Martinho Lutero, sai-

ram dos claustros, onde antes se ocultavam, porventura imersos nos seus vícios. Contudo, possuindo, ao mesmo tempo, virtudes cristãs que praticavam em silêncio, vieram depois a manifestá-las, estimulando a imaginação do mundo de então e a nossa própria imaginação, hoje.

Foi assim que Deus preparou a Sua obra, suscitando por todo o decorrer dos séculos uma longa plêiade de testemunhas da verdade. Há que notar, contudo, o que também sabemos acerca destas testemunhas, e a que Merle D'Aubigné também alude: "Esses homens generosos, que davam testemunho da Verdade, não tiveram dela conhecimento bastante claro ou, pelo menos, não a souberam expor de uma maneira bastante distinta."¹⁰

Podemos dizer que, com aquelas palavras, está o historiador como que a antever o tempo em que, segundo Isaiás 58:12 e 13, "os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente assolados; e levantarás os fundamentos de geração em geração, e chamar-te-ão reparador de brechas e restaurador de veredas... se chamares ao Sábado deleitoso e santo dia do Senhor."

A tais reformadores devia Daniel referir-se, saudando-os o anjo revelador com as auspiciosas palavras de "bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias" (Daniel 12:12). O versículo 11 do capítulo 12 de Daniel alude ao tempo em que o "contínuo sacrifício for tirado e posta a abominação desoladora", isto é, o culto em espírito e em verdade seria substituído pelo culto paganizado de uma igreja tornada política e semelhante ao mundo.

Isso deu-se, segundo Urias Smith, "no ano 508 DC, quando terminou a resistência unida que se opunha ao desenvolvimento do papado."¹¹

Portanto, se aos 508 anos em que se dá o início da abominação desoladora juntarmos 1335 dias-anos, chegamos ao ano de 1843-1844. Que bem-aventurança seria esta para os que vivessem em tal tempo? Ao olhar para esta data, que contemplamos?

Vemos um notável cumprimento da profecia na proclamação, realiza-

da com grande poder, da Segunda Vinda de Cristo. A doutrina renovada e comovedora do estabelecimento do reino de Deus sacudiu o mundo. Uma nova vida foi concedida aos verdadeiros discípulos de Cristo. As "duas testemunhas de Deus" já não estão vestidas de saco. E o vidente que assim as vira, contempla-as agora confiadas a um anjo, e exclama: "E vi outro anjo voar pelo meio do céu e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo. Dizendo, com grande voz:

Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo, e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas" (Apoc. 14:6 e 7).

"E neste teu esplendor, cavalga prosperamente, pela causa da verdade, da mansidão e da justiça; e a tua dextra te ensinará coisas terríveis" (Salmos 45:4).

Referências

1. E. G. White, *Parábolas de Jesus*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, 1967, p. 408.
2. J. H. Merle D'Aubigné, *História da Reforma do décimo-sexto século (História do Protestantismo para todos os homens)*, Nova Iorque, American Trait Society, Tomo 1, p. 11.
3. *Ibid.*, p. 9
4. *Révue Adventiste*, Julho-Agosto de 1974, Damarie-les-Lys.
5. *Ibid.*
6. J. H. Merle D'Aubigné, *Op. Cit.*, p.94.
7. *Ibid.*, p. 95.
8. (S. Delattre, *Guillaume Farel*, Privas-Ardeche, S. Delattre Editeur, 1931, pp. 11 e 12.)
9. D'Aubigné, *Op. Cit.*, pp. 95 e 96, itálico nosso.
10. *Ibid.*, p. 96.
11. Urias Smith, *Las Profecias de Daniel y Apocalipsis*, tomo 1: El libro de Daniel, Mountain View, CA, Pacific Press Publ. Assn. 1949, p.272.

O Pastor Pedro Brito Ribeiro, actualmente aposentado, serviu a Igreja durante mais de 40 anos, tendo tido diversas responsabilidades em Portugal e Moçambique. Vive em Loures, perto de Lisboa.

Em Meu Lugar

Não foi feita de ouro ou de rubis
A coroa com que foste coroado
Por mãos cruéis. Tecida em espinhos vis,
Era o preço requerido ao meu pecado!

O ceptro, com que foste investido,
As afrontas, o fel, a zombaria,
As sortes lançadas ao Teu vestido,
São o cumprimento da antiga profecia!

O lenho que levaste, meu Senhor,
A cruz que carregaste ao Calvário,
Tinha o peso do Teu imenso amor,
Era o preço do meu pecado, o seu salário!

Não eram para Ti aqueles cravos,
As mãos, os pés, o lado trespassado!
Não eram para Ti tantos agravos,
Eu sei, Senhor, foi pelo meu pecado!

Demónios em humanos transformados,
Tentando malograr a Salvação,
Te escarnecem com insultos desvairados,
Apupos, mofa, ridículo, humilhação!

Senhor, eu reconheço o meu pecado!
Estive bem no meio da multidão.
Meu Deus, eu quero ser regenerado!
Transforma, ó Senhor, meu coração!

Tal como estou, eu venho a Ti, Senhor,
Aos pés da cruz me curvo em oração,
Agradecido pelo teu tão grande amor,
Humildemente te busco, suplico, imploro:

Senhor, perdão!

Adelaide Lourinho
Igreja da Comenda



UM POVO DE
PROFECIA

PARTE 3

No Espírito de Elias

Focando o Povo Final de Deus

Neste artigo, o autor mostra como os nossos pioneiros estabeleciam paralelos entre o movimento do Advento e dois acontecimentos-chave do Velho Testamento: o Êxodo e o ministério de Elias. Terceira parte de uma série de oito.

Dois importantes acontecimentos bíblicos proporcionaram aos primeiros Adventistas uma maneira para compreenderem a sua mensagem e missão. Um era o Êxodo. O outro, o ministério do profeta Elias.

Paralelo com o Êxodo

No êxodo de Isarel, da escravidão do Egito para a Terra Prometida, os nossos pioneiros viam o chamado profético dos três anjos de Apocalipse 14 para abandonarem as igrejas nominais, com os seus credos e tradições, e, como o Israel do tempo do fim, aceitarem os mandamentos de Deus.

Usando a linguagem do Êxodo, Hiram Edson, em 1850, referiu-se a 1844 como “a nossa coluna de luz... atrás de nós” (ver Êxo. 13:21; 14:19).¹ Ele via um paralelo entre

a restauração do Sábado feita por Deus pouco depois do êxodo de Isarel do Egito (ver Êxo. 16:23-30), e a adopção da verdade do Sábado por aqueles que então esperavam a iminente vinda de Cristo nos anos de 1840 e 1850. Disse ele: “A primeira verdade importante que foi trazida às nossas mentes depois de termos passado pela solidão do deserto, neste lado de 1844, foi a verdade do Sábado.”²

Poucos anos depois, Augustin C. Bourdeau estabeleceu uma relação entre o cuidado de Deus para que o povo de Isarel vivesse de maneira saudável (Êxo. 15:26) e a mensagem da reforma da saúde.³

Em 1867, Ellen G. White confirmou esta típica abordagem ao aplicar I Coríntios 10:11 ao inexperiente movimento Adventista do Sétimo Dia: “O Isarel moderno está em maior perigo de esquecer a Deus e ser levado à idolatria do que o Seu antigo povo. Muitos ídolos são adorados, até por professos observadores do Sábado.” (*Testimonies*, vol. 1, p. 609.)

Estas eram algumas das principais semelhanças estabelecidas pelos nossos pioneiros adventistas entre o êxodo de Isarel do Egito e o que eles viam como sendo o seu próprio êxo-

do das igrejas nominais. Mas é evidente que para Ellen White a comparação do movimento do Advento com o antigo Israel não era motivo para uma atitude triunfalista ou para qualquer sentimento de superioridade. Era antes um incentivo à auto-reflexão crítica. E, de facto, esta relação tipológica serviu para reforçar o seu sentimento de responsabilidade e vigilância.

Paralelo com Elias

Em I Reis 16:31, lemos a descrição do casamento do rei Acab com “Jezabel, filha do rei Etbaal dos sidónios.” O casamento com um pagão era proibido aos reis de Israel, com base no facto de que com o outro cônjuge vinha frequentemente uma religião pagã. E assim aconteceu. O culto de Baal foi introduzido, e depois amalgamado com o verdadeiro culto a Yahweh.

No seu estado mais puro, isto é, antes de diluído, este culto era uma forma de adoração do sol. Os seus seguidores adoravam “todo o exército do céu”, “incensavam a Baal, ao sol, e à lua, e aos planetas, e a todo o exército do céu” (II Reis 23:5). Em Israhel, contudo, o culto de Baal misturou-se com elementos da religião dos

Hans K. LaRondelle

hebreus. O resultado foi que as dez tribos do norte “deixaram os mandamentos do Senhor, seu Deus, e fizeram imagens de fundição, dois bezeros; e fizeram um ídolo do bosque, e se prostraram perante todo o exército do céu, e serviram a Baal” (II Reis 17:16).

A missão de Elias era chamar a Israel da apostasia, de volta a Deus e aos Seus mandamentos. Deus não pode ser separado dos Seus mandamentos; é através deles que expressa a Sua vontade. Deste modo, rejeitar a lei de Deus é rejeitar o próprio Deus.

Como juízo para a apostasia de Israel, Deus trouxe a seca sobre a terra (ver Deut. 11:13-17). Durante três anos e meio não caiu chuva nenhuma. Todavia, Israel permaneceu impenitente, dirigido por um casal real endurecido: Acab e Jezabel.

No fim desse período, Deus enviou novamente Elias ao povo e dirigentes apóstatas de Israel com um último apelo: “Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; e, se Baal, segui-o. Porém, o povo não lhe respondeu nada” (verso 21).

Que hora dramática aquela! E que triste resultado! Elias, porém, como aquele que devia “restaurar todas as coisas” (Mat. 17:11), avançou. A verdadeira religião de Israel devia ser restaurada segundo o modelo original. Como as Sagradas Escrituras indicam, ele “reparou o altar do Senhor, que estava quebrado” (I Reis 18:30). Sim, ele tomou 12 pedras e restaurou o altar do Deus de Israel. E ao proceder deste modo, reavivou o caminho da salvação pela graça (ver Lev. 17:11), realçando o processo de unidade das 12 tribos, não fazendo qualquer concessão à sua divisão em 10 tribos do Norte e 2 do Sul. Certamente que há aqui uma mensagem de unidade e de restauração da lei e do evangelho.

Os Paralelos Clarificam a Missão

A lição da luta de Elias com o culto de Baal é agora claro: esta religião pagã distorcera o culto de Jeová, suplantando-o virtualmente. Destruíra o caminho de Deus para a salvação.

Este ponto é essencial para compreender a mensagem de Elias para hoje.

Pouco depois do desapontamento de 22 de Outubro de 1844, vários escritores adventistas expressaram a convicção de que a restauração do Sábado bíblico era basicamente similar à restauração do culto de Israel, ocorrida sob a direcção de Elias num tempo de apostasia geral. Eles observaram que o profeta Malaquias tinha predito que Deus enviaria de novo Elias como precursor do último juízo (Mal. 4:4, 5). Lembraram-se da maneira como Jesus realçara o facto de que Elias viria a Israel para “restaurar todas as coisas” (Mat. 17:11). Lembraram-se da descrição de Gabriel sobre as urgência da missão profética de Elias: “*a fim de preparar, ao Senhor, um povo bem disposto*” (Luc. 1:17). E João Baptista fora o seu cumprimento, no que respeita ao primeiro advento do Messias (Mat. 17:10-13). Ele era o enviado precursor de Cristo. O *timing* de Deus era perfeito.

Joseph Bates associou também as ideias de restauração e preparação: “Entendo que o Sábado do sétimo dia não é a *menor*, entre TODAS as coisas que devem ser restauradas antes do segundo advento de Jesus Cristo.”⁴ Bates apelava, em particular, para a promessa divina em Isaías, dirigida a todos os que haveriam de voltar do cativo de Babilónia: “Levantarás os fundamentos de geração em geração: e chamar-te-ão reparador das roturas, e restaurador de veredas para morar” (Isa. 58:12). [A versão de *A Bíblia de Jerusalém*, S. Paulo, Edições Paulinas, 1985, traduz assim: “Os teus escombros antigos serão reconstruídos; reerguerás os alicerces dos tempos passados e serás chamado reparador de brechas, restaurador de estradas, para que se possa habitar”.]

Bates interpretava a rejeição da verdade do Sábado pelas igrejas, e a obstrução que lhe faziam os adventistas nominais, como a “poderosa batalha” da igreja remanescente para a restauração da lei e do verdadeiro culto a Deus. Para os nossos pioneiros, a verdade do Sábado tornou-se a verdade probante na guerra fi-

nal de Satanás contra o povo remanescente de Deus, tal como é descrita em Apocalipse 12:17.

É interessante notar que a princípio a jovem Ellen G. Harmon achava que Bates se demorava demasiado sobre o quarto mandamento a expensas dos outros nove. Mas ela tomou firmemente posição a favor de Bates quando viu que dos 10 mandamentos, só o quarto definia o Deus vivo como Criador. Veio mesmo a ver este mandamento como o centro da santa lei, emoldurado como um tesouro no templo de Deus no céu (Apoc. 11:19). E escreveu: “Precisamente antes do grande dia de Deus, é enviada uma mensagem para exortar o povo a voltar à obediência à lei de Deus, quebrantada pelo anticristo. Por preceito e exemplo devemos chamar a atenção para a brecha feita na lei. Foi-me mostrado que as preciosas promessas de Isaías 58:12-14 se aplicam aos que trabalham pela restauração do verdadeiro Sábado” (*Vida e Ensinos*, Lisboa, Publicadora Atlântico, p. 85.)

Ilacões Práticas

Como Joseph Bates e outros, Ellen G. White via uma íntima relação entre culto e *preparação* para a breve volta do Senhor. Ela via as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14:6-12 como uma elaboração e cumprimento da missão do prometido Elias. Porque esta tríplice advertência precede imediatamente a ceifa do mundo (versos 14-20), e deste modo prepara “ao Senhor um povo bem disposto” (Luc. 1:17).

O terceiro anjo, em particular, adverte o mundo inteiro contra a vinda do dia da ira (Apoc. 14:9-11), ou o juízo dos sete pragas. A sua mensagem leva todos os povos ao momento da decisão, a favor ou contra a revelada vontade de Deus. O resultado final desta proclamação será a emergência de um povo entre *todas* as nações, “que guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (verso 12). Este texto era, para os nossos pioneiros observadores do Sábado, a essência e suma da mensagem de Elias. Motivava o seu zelo missionário e o seu senso de urgência para se apron-

tarem para a breve volta do Senhor e para a hora do Seu juízo.

Ellen G. White procurou manter vivo entre os Adventistas o conceito da sua identificação com o Elias do fim do tempo. Escreveu: “Neste tempo de apostasia quase universal, Deus chama os Seus mensageiros a proclamar a Sua lei no espírito e poder de Elias. ... Com o fervor que caracterizou o profetas Elias e João Baptista, nós devemos esforçar-nos por preparar o caminho para o segundo advento de Cristo.” (*The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, vol. 4, p. 1184.)

Na mensagem de preparação, ela incluía a reforma prática de um novo estilo de vida: “Cumpra ligar a temperança em todas as coisas com a mensagem, desviar o povo de Deus da sua idolatria, da sua glotoneria, bem como da extravagância no vestuário e outras coisas.” (*Testimonies*, vol. 3, p. 62.) E apelava aos seus companheiros crentes para erguerem as suas vozes “contra a maldição da embriaguês.” “Lutemos para advertir o mundo contra as suas sedutoras influências. Retratemos perante jovens e velhos os terríveis resultados da satisfação do apetite.” (*Temperança*, S. Paulo, Casa Publicadora, 1969, p. 238.) Ellen White via a temperança como uma parte do evangelho, e insistia vigorosamente em “que a abstinência total é a única base em que o povo de Deus pode conscientemente colocar-se” (*Testimonies*, vol. 7, p. 75.)

Dai a sua conclusão era de que o mundo moderno se encontrava num estado de apostasia geral, tanto religiosa como moralmente. Ela identificava os Baal dos nossos dias da seguinte maneira: “Na exaltação do humano sobre o divino, no louvor aos líderes populares, no culto a mamom, e na exaltação dos ensinamentos da ciência sobre as verdades da Revelação, multidões hoje estão seguindo a Baal.” (*Profetas e Reis*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, p. 170.)

Neste compreensivo sentido, os dirigentes adventistas viam a história do Êxodo e a luta de Elias contra a apostasia nacional repetidas no seu próprio tempo. Através de uma res-

tauração do Sábado e de um retorno às formas apostólicas de culto em termos de piedade simples, os nossos pioneiros lembravam a todos os outros cristãos o seu dever de prestar contas a Deus como Criador e Redentor. Como o Elias dos tempos antigos, os pregadores da mensagem do terceiro anjo convocavam o mundo ao “Monte Carmelo”, e apelavam a todos para escolherem a quem desejavam prestar culto. “Hoje, como nos dias de Elias, a linha de demarcação entre o povo que guarda os mandamentos de Deus e os adoradores de falsos deuses está claramente definida.” (*Ibid.*, pp. 187, 188.)

O Último Remanescente

Na história antiga, Elias, depois da sua heroica posição por Deus no Monte Carmelo, fugiu com medo das ameaças de Jezabel. Escondendo-se numa cave no Monte Horeb, queixou-se: “Só eu fiquei; e buscam a minha vida para me tirarem” (I Reis 19:10, 14). Mas o Senhor deu-lhe uma revelação da qual nós podemos, ainda hoje, tomar coragem: “Eu fiz ficar em Israel sete mil: todos os joelhos que se não dobraram a Baal, e toda a boca que o não beijou” (verso 18).

Estes 7.000 israelitas que permaneceram fiéis e leais ao concerto de Deus — a Sua sagrada lei e o Seu caminho de salvação — constituíram o resto no tempo de Elias. Eles podem ser vistos como um tipo, ou profecia, de todos os restos ou remanescentes futuros que escolham permanecer fiéis ao Deus de Israel em tempos de apostasia. O apóstolo Paulo declarou, após a sua referência ao 7.000 leais no tempo de Elias: “Assim, pois, também agora neste tempo, ficou um resto, segundo a eleição da graça” (Rom. 11:5).

O livro do Apocalipse ensina que haveria de emergir um resto fiel no tempo do fim. Depois dos 1.260 anos de trevas da Idade Média, este resto tornar-se-ia visível como aqueles que guardam os santos mandamentos de Deus e perseveram na fé de Jesus (Apoc. 12:17). Eles sairão do Egito espiritual, ou de “Babilônia”, como resultado da tríplice mensagem

angélica de Apocalipse 14. Na crise final que virá ao mundo pelo totalitarismo do anticristo (Apoc. 13:15-17), Deus terá de novo aqueles que Lhe são leais em todas as nações. João ouviu o seu número: 144.000 verdadeiros israelitas em que não há dolo (ver Apoc. 7:1-4; cf. João 1:47). Eles ficarão com o Cordeiro no Monte de Sião, o monte da salvação. Eles têm o nome do Pai e do Filho escritos nas suas fronteiras (Apoc. 14:1), indicando a quem pertencem.

Este povo *remanescente* do fim do tempo constitui o perfeito antítipo do primeiro Elias. Quando este cumpriu a sua missão como reformador e restaurador do concerto de Deus, o Senhor enviou o Seu carro e tomou-o para o céu (ver II Reis 2:11).

O mesmo acontecerá com o remanescente do fim do tempo. Quando tiverem completado a restauração do verdadeiro culto a Deus, os carros de fogo do Senhor descerão do céu e os santos serão transladados para a glória indescritível (cf. Sal. 68:17, 18; Apoc. 19:14; I Tess. 4:16, 17). Temos esta esperança que arde em nossos corações. Que cada leitor possa ser capaz de dizer com Paulo: “Porque, para mim, tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há-de ser revelada” (Rom. 8:18).

Referências

1. Hiram Edson, “An Appeal to the Laodicean Church”, *Advent Review Extra*, Setembro de 1850; citado em P. G. Damsteeg, *Foundations of the Seventy-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publ. Co., 1977), p. 249.

2. *Ibid.*

3. Augustin C. Bourdeau, “Our Present Position, in the Waiting, Tarrying Time”, *Review and Herald*, 28 de Maio de 1867; anotado em Damsteeg, p. 249.

4. Joseph Bates, *The Seventh Day Sabbath a Perpetual Sign* (New Bedford, Mass.: 1846), p. 2; citado em Damsteeg, p. 138.

O Dr. Hans K. LaRondelle é professor de teologia na Seminário Teológico da Universidade de Andrews, em Berrien Springs, Michigan, E.U.

Evangelismo Infantil? Certamente que sim!

8º Cenário: Escola Primária nas Caldas da Rainha.

Data: Segunda-feira, dia 13 de Janeiro de 1992

Local: Escola Primária do Bairro dos Arneiros, nas Caldas da Rainha

Cenário: Uma criança sentada no muro da escola tem à sua volta um grupo de amigos e estuda um livrinho de capa azul: a caderneta do Clube de Tições.

A criança é a Rute, menina de 10 anos, desconhecida de nós há um mês ainda, participa agora na Escola Cristã de Férias, realizada nas férias de Natal, e ingressa no Clube de Tições, com mais nove crianças. Triplica-se assim o número de membros deste clube, reactivado diante da expectativa criada por mais uma Escola Cristã de Férias, que quando chegou ao fim, as crianças não queriam que acabasse.

Neste último sábado, o da distribuição das cadernetas, reuniram-se ao todo cerca de 30 jovens. Uma lufada de sangue novo injectado nas veias de uma igreja em plena expansão.

Evangelismo Infantil? Certamente Que Sim!

1º Cenário: Recuemos no



tempo: Natal de 1990 (há um ano).

Na planificação evangelística do ano 1989-90, para além das actividades tradicionais dos adultos (seminários sobre Família, Daniel, Nutrição, conferências públicas, etc.), a igreja introduzia a sua primeira Escola Cristã de Férias, a realizar nas férias do Natal.

Problemas: Onde realizá-la? Dado o bom impacto que obtivéramos com outros programas para adultos realizados fora da igreja, estávamos em condições para esta acção. O nosso salão de jovens, há seis anos praticamente abandonado, com uma racha, cada vez que chovia, enchia-se abundantemente de água. Sem re-

curso para a sua recuperação, o último orçamento feito excluía a possibilidade do arranjo, em virtude de este ser muito elevado.

O tempo escoava-se rapidamente e a vontade de não abdicar leva-nos, em Novembro, a pôr mãos à obra, procedendo nós mesmos à isolamento.

Mas como isolar uma placa de 80 m²? Deixemos os detalhes! Com a graça de Deus comprámos o material e com mais um irmão e um jovem, e uma senhora agitando grandes latas de produto negro, começa a proeza que os técnicos apontavam como de total inutilidade.

Com um sétimo do orçamento, esperávamos verdadeira e somente um milagre. Da nossa parte nada mais podíamos fazer, a não ser continuar a ter fé na intenção de Deus em salvar também os mais pequeninos. Afinal, era para eles que nos tínhamos metido neste «sarilho». Não é a prova de amor dar a vida pelos seus semelhantes?

Bom... Começou a chover e o milagre aconteceu! Pela primeira vez em tantos anos não choveu dentro da igreja! Depois de dois meses de árduo trabalho, Deus respondeu. Embora com a sala interiormente muito degradada, na pintura e no estuque, avançámos para uma E. C. F. enxuta!

Luis Nunes

Quarenta e oito crianças passaram por essa primeira Escola Cristã de Férias da nossa igreja (entre elas, somente duas eram da igreja).

2º Cenário: Festa de Natal de 1990

A festa de Natal da igreja no ano de 1990 fez-se quase exclusivamente com a participação destas crianças e contámos mais de 40 visitas. Inédito e encorajador. Aqueles que com lágrimas semeiam...

3º Cenário: Não podemos dar continuidade!

Após o término da Escola Cristã de Férias, algumas crianças continuaram a aparecer na igreja. Mas não podíamos dar continuidade ao seu interesse pela igreja. Os clubes não estavam a funcionar, pois desde há anos que não tínhamos onde reunir os jovens. Outras actividades já planeadas não permitiam que nos ocupássemos delas. Convidámo-las a voltar em Dezembro, quando tornaríamos a realizar uma nova Escola Cristã de Férias.

Mas agora tínhamos compreendido a mensagem: o plano de Deus não era que realizássemos pontualmente algo para os mais pequenos. Ele queria que déssemos continuidade a esse projecto. Era pois necessário organizarmo-nos e aceitar o repto.

Durante todo o ano de 1991, o encontro ocasional, na rua, com maravilhosas expressões de calorosa amizade, ia-nos apontando para o desafio que nos aguardava.

4º Cenário: Um duplo indicador: perseverar e repetir.

Perseverar: Trabalho missionário de porta-a-porta, bloqueio na Rua Fonte do

Pinheiro, Lote A - 1º Dt.º. A irmã Florinda, na sua zona de trabalho missionário (a nº 9), encontra forte oposição a um contacto estabelecido: recusa enérgica e violenta contra os adventistas.

Repetir: Nas férias de Verão, um telefonema: um pai que nos pergunta, depois de muitos elogios, se não iríamos realizar uma nova E. C. F., pois gostava de inscrever as filhas. Respondemos que não: só nas férias do Natal é que tínhamos previsto organizar a próxima.

5º Cenário: Férias de Natal de 1991

Agora a sala já está pintada! Com a ajuda que recebemos da União, a quem muito agradecemos por nos ter ajudado, tudo está novinho em folha. Nunca mais choveu. Não foram os técnicos que se enganaram: foi Deus que continuou a sustentar-nos, porque há um trabalho a fazer!

Na Rua Fonte de Pinheiro, Lote A, 1º Dt.º, alguma coisa acontece. No apartamento ao lado, no 1º Esq., uma senhora faz o curso de «A Bíblia Responde». Na caixa do correio do 1º Dt.º, a irmã Florinda coloca a informação sobre a E. C. F., a festa do Natal e o cartão de resposta-paga (convite para o estudo da Bíblia por correspondência). E a distribuição de Dezembro, que a sociedade missionária propôs à igreja realizar na nossa cidade, dividida por zonas (cabendo a cada membro uma zona).

Estamos a postos para 2ª E. C. F.: os preparativos são concretizados. Os jovens da igreja, à semelhança do que se tinha passado na última E. C. F., lançam-se apaixonadamente na sua

realização. A publicidade é distribuída. E acontece!

6º Cenário: No 2º dia da E. C. F. havia poucas crianças

Aparecem-nos várias crianças desconhecidas, entre elas a Rute e uma amiga, a Luciana. Mas...

Alguma coisa não corre bem! Tivemos menos crianças do que o ano anterior. É o segundo dia. Após a cerimónia de abertura, aparece na igreja o Luís, agora um adolescente. Como cresceu neste ano! Participante na E. C. F. do ano anterior, cumprimenta-nos calorosamente. Pergunto-lhe porque é que não vem este ano. E temos a resposta, repetida já por outras crianças do ano anterior: os pais não deixam vir mais!

Final, sempre existe preconceito. Não podemos crer. Quando vamos para lhe perguntar se deseja ficar nesse dia, já não o encontramos. Assim como veio, também se foi.

7º Cenário: Conjugação de estratégias leva ao estudo da Bíblia

Depois da festa de Natal (onde se repete a mesma participação das crianças da E. C. F.), temos tudo a postos para continuar a responder às expectativas que algumas crianças deixam transparecer. Os Clubes estão criados e prontos para as receber.

Na Rua Fonte do Pinheiro, Lote A - 1º Dt.º, acontece algo de diferente. A tal senhora, negativa e brusca contra o contacto missionário meses antes, envia agora a sua neta, a Luciana, que se junta à Rute, e participam ambas na E.C.F.

O entusiasmo da neta (que por sua vez leva os seus irmãos) pela E. C. F. é transmitido à avó, que

preenche o cartão do estudo da Bíblia por correspondência. A irmã responsável desta zona fica admirada. Uma senhora que nunca quis nada e agora... envia a neta e deseja estudar a Bíblia! Como é possível?

Evangelismo Infantil?

Oh, sim!

Em primeiro lugar, temos que afirmar que é aliciante trabalhar com aqueles de quem Jesus disse: «Dos tais é o reino dos céus!»

Em segundo lugar, é um meio óptimo para derribar barreiras!

Em terceiro, foi a acção missionária desta época de evangelização que mais resultados de «passagem» implicou.

Em quarto, poucas alegrias são semelhantes às de ouvir uma criança a orar, ou a ler a Bíblia pela primeira vez, de ver crianças vibrarem de alegria quando se fala da igreja: constatar que um clube de Tições triplica o seu número, ou ver os jovens da igreja envolvidos directamente na evangelização, em sintonia com a filosofia de abrangência da igreja, dando o seu preciosíssimo contributo às diferentes actividades da mesma.

Desejámos partilhar com os nossos irmãos da igreja em Portugal uma das mais belas experiências que tivemos e que mostram quanto se pode ainda concretizar. Por isso aqui deixamos uma sugestão ao prezado Irmão que nos lê: Realize uma Escola Cristã de Férias e verá... Serão suas as próximas notícias animadoras nesta área de evangelismo que partilharemos!

Luís Nunes é pastor das igrejas de Caldas da Rainha e Cadaval.

A Igreja e o Seu Testemunho

A razão da nossa existência como igreja de Cristo é testemunhar o evangelho eterno ao mundo. Desta tarefa ninguém está dispensado.

À Imagem de Deus

Desde o princípio da criação, antes mesmo do pecado, Deus, na Sua relação com os nossos primeiros pais, teve a preocupação de comunicar-lhes a Sua verdadeira imagem, a imagem de um Pai que ama os Seus filhos, os quais têm a maior importância para Ele. A testemunhar esse facto está o encontro diário que o Senhor mantinha com eles no jardim: «E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim» (Gén. 3:8).

Na pessoa de Jesus Cristo, esta imagem de Deus é apresentada num corpo humano: Cristo «é a expressa imagem da sua pessoa» (Heb. 1:3). Mas depois da ressurreição, Jesus ascende ao céu e Deus envia o Espírito Santo para suscitar uma nova imagem de Deus, onde todos os atributos de Jesus fossem representados: o amor, a santidade, a sabedoria, o poder e a glória de Deus. Esta imagem é, segundo o apóstolo Paulo, a igreja: «Porque os que antes conheceu, também os predestinou para serem conforme à imagem de Seu Filho» (Rom. 8:29). A igreja é a nova manifestação de Jesus Cristo, habitando Ele em nós pelo Seu Espírito.

Ficamos maravilhados e ao mesmo tempo estarrecidos perante tal possibilidade, particularmente ao pensarmos nos nossos miseráveis actos e atitudes, por vezes tão pouco em sintonia com a santidade e benignidade de Jesus!

Todavia, a vontade de Deus é fazer da Sua igreja o Seu templo, a Sua morada, e manifestar-Se assim ao mundo, aos seres humanos que vivem nesta terra e buscam a imagem de Deus, e mesmo àqueles que O não procuram.

Razão da Nossa Existência

Na igreja, da qual é dito: «Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus» (Apoc. 14:12), todos os crentes que Cristo escolheu (e não há crentes que não tenham sido escolhidos por Ele) devem manifestar o Seu vitorioso amor ao mundo. Esta é, em essência, a razão da nossa existên-

cia como igreja de Cristo: testemunhar o evangelho eterno ao mundo (Mat. 28:18-20; 24:14). E desta tarefa ninguém está dispensado; ninguém deve dizer: «Eu sou velho», «Sou jovem», «Não sei falar», «Não tenho dons»; porque «recebereis a virtude do Espírito Santo... e ser-me-eis testemunhas» (Actos 1:8). Todos os que fomos reconciliados com o Senhor Jesus, aceitando o Seu precioso sangue para perdão dos nossos pecados, recebemos, simultaneamente, a «virtude do Espírito Santo» para reconciliar outros. Isso é o que o apóstolo Paulo reafirma em todas as suas epístolas. Cito, como exemplo, II Coríntios 5:18: «E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação.» Ninguém, absolutamente ninguém, é dispensado de representar a Deus junto dos homens e mulheres deste mundo, pela palavra persuasiva, por um comportamento honesto e por actos de amor. Se procedermos de outro modo, correremos o grande risco de nós mesmos não estarmos reconciliados com Jesus; de a nossa experiência espiritual não ser mais do que uma experiência sentimental, que pode dar-nos uma certa felicidade pessoal, mas que estará desligada da fonte da vida. Reconhecê-lo é, sem dúvida, o primeiro passo para recebermos a «água viva» que está ao nosso alcance.

Natureza do Testemunho

O testemunho eficaz apresenta seis características que estão presentes nas palavras de Jesus aos Seus discípulos de então e à Sua igreja de hoje: «Quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei-de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio» (João 15:16, 27).

O nosso testemunho dirige-se ao mundo (1), fala do Filho (2), vem da parte do Pai (3), pelo Espírito Santo (4), através da igreja (5) e de cada crente, individualmente (6).

Jesus deve ser o centro do nosso testemunho (Apoc. 1:2; 12:17), e não as doutrinas, não a carne de porco, o baile, o cinema ou

a televisão; não as minhas enxaquecas, o meu reumatismo, o tempo que faz e não faz.

Há alguns meses um irmão dizia-me entusiasmado: «Dei o meu testemunho.» Perguntei-lhe: «O que é que o irmão disse?» Resposta pronta: «Vou à igreja todos os sábados.»

Não há dúvida de que ir à igreja todos os sábados é muito importante. Quer dizer que amamos o Senhor, os irmãos e que queremos estar todos juntos no dia do Senhor para orar, cantar e ouvir a Palavra de Deus; mas o verdadeiro testemunho é falar de Jesus Cristo, dizer o que Ele fez por mim, quem eu era antes de O conhecer, falar da minha vida sem esperança, sem destino, sem objectivos, e como O conheci, através de um vizinho, de uma vizinha, de um familiar, de um amigo, que me falou da transformação da sua vida, da alegria que reinava no seu lar depois que Jesus entrou no seu coração; que eu mesmo passei por essa experiência, e sei que Jesus é real para mim. Dar o nosso testemunho é dizer qual é a nossa esperança: que Cristo morreu e ressuscitou, que Ele é o meu Amigo, que sinto a Sua presença, que Ele me ama e perdoou os meus pecados. Este é o testemunho de uma vida transformada pelo Espírito Santo e de uma experiência pessoal com Jesus.

Quando uma pessoa que assistiu a um crime, a um roubo ou a qualquer outro tipo de delito, é chamada a depor, a pergunta que lhe é feita é a seguinte: O que é que viu? O que é que ouviu? Uma testemunha é alguém que presenciou alguma coisa, e nós encontramos Jesus Cristo. É isto que devemos dizer: **Eu encontrei a Jesus.** (Ver II Pedro 1:16-21).

Estimados Irmãos: Testemunhar de Jesus deve ser mais precioso que a nossa própria vida, porque é só na medida em que falamos d'Ele que a vida tem sentido.

Provavelmente já ouviram falar do **Seminário Maranata**. Este ano, haverá duas sessões do Seminário Maranata em Oliveira do douro: **de 16 a 23 e de 23 a 30 de Agosto**. Sei perfeitamente que o mês de Agosto é aquele que geralmente reservamos para descansar, para estar com a família, e is-

so é de facto indispensável. Mas aprender a estar com Jesus, a falar de Jesus, isso é tão necessário que vos convido a reservar uma semana para irem este ano ao Maranata. Quem já participou desta acção missionária considera que é uma das mais enriquecedoras experiências da sua vida.

Nós somos a igreja através da qual o Espírito quer agir. O prezado Irmão que me lê é um membro desta igreja.

José Carlos Costa é director dos Ministérios da Igreja na Divisão Euro-africana.



O Carrinho do Vítor

Vítor estava radiante! Tinha finalmente o carrinho dos seus sonhos, um carrinho vermelho, telecomandado, com o qual não se cansava de brincar.

Às vezes, Vítor julgava que estava a sonhar, e por isso queria ter a certeza de que tinha mesmo o seu carro. Não queria separar-se dele nem por um minuto. Se saía, levava-o consigo. Se ia comer, colocava o carrinho em cima do armário para poder estar sempre a olhar para ele. Quando ia dormir, punha-o em cima da mesa de cabeceira, não sem antes ter brincado um pouco. E de manhã, a primeira coisa que fazia era olhar para o seu brinquedo. O carrinho tinha de estar sempre onde ele o pudesse ver e ao alcance da sua mão.

Era um prazer ver a felicidade do garoto e todos lhe achavam muita graça. Parecia que nunca ninguém tivera tanta alegria com um brinquedo. E assim a semana foi passando. Quando chegou o Sábado e a família estava a preparar-se para ir à igreja, repararam que o Vítor não parecia disposto a arranjar-se.

— Ó filho, vê se te despachas, se não vamos chegar tarde à igreja!

— Ó papá, eu queria ficar em casa! Não queria ir à igreja!

— Mas tu gostas tanto da tua Escola Sabatina! Não te sentes bem? Estás mal disposto?

— Eu queria ficar a brincar com o meu carrinho. Na igreja não posso brincar...

— Ó Vítor! Eu pensava que tu amavas a Jesus acima de todas as coisas! Que sabias que Ele te ama e que é Ele que te dá todas as coisas!

— Eu sei, eu sei! Mas eu não posso levar o meu carrinho para a Escola Sabatina...

— E tu achas que o carrinho está primeiro do que a igreja? Que está primeiro do que tudo e todos?

— Não, mas...

— Olha, Vítor, diz-me: Sabes qual é o primeiro mandamento da lei de Deus?

— Sei, mas um carro não é nenhum deus! Não é nenhum ídolo!

— Tens a certeza? Tudo aquilo que rouba a Deus o primeiro lugar na nossa afeição, tudo o que fica entre nós e Deus, é um ídolo, é um outro deus! Se um simples carrinho de metal, com uns quantos fios eléctricos, pode acabar com o teu amor a Deus... A tua maneira de proceder pode dar a impressão de que tu dás mais valor ao teu carro do que a Jesus...

— Não, não! Eu amo mais a Deus! Espera um minuto, papá, que eu arranjo-me num instante para ir à igreja. E olha, podes guardar o meu carrinho no armário, que amanhã logo brinco com ele! Não quero que ele fique entre mim e Deus, nem sequer entre mim e a minha família!

M. R. Baptista



Três Etapas da Obra em Angola

“E este evangelho do Reino será pregado em todo o Mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mat. 24:14).

“Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mar. 16:15).

Foi para cumprimento e obediência daquela profecia do Senhor Jesus, de que o “evangelho do reino será pregado em todo o Mundo”, e da ordem que Ele deu aos Seus discípulos, para irem e pregarem “o evangelho a toda a criatura”, que os mensageiros da Verdade Divina se deslocaram das suas terras de origem, atravessando Oceanos e desertos, desbravando densas florestas, e que W. H. Anderson, e outros vieram até Angola, pela primeira vez em 1922, para implantar uma gigantesca obra, na altura em miniatura, hoje admirada por todos aqueles que a viram nascer e crescer.

A primeira etapa, que é a mais difícil de todas, consistiu em descobrir terras, implantar e fundar missões, por onde quer que o Espírito de Deus os guiasse e dirigisse, tendo como alvo levar a cruz de Cristo ao homem perdido no pecado. Imbuídos de altruísmo, e desinteressadamente, percorriam centenas de quilómetros, utilizando os transportes rudimentares de então, como car-

ros puxados por bois, em lugar do automóvel, e a piroga para atravessar rios extensos, e, quando não houvesse outros recursos, viajavam mesmo a pé. Que sacrifícios!

Foi para os nossos pioneiros um tempo extremamente difícil; mas, animados por uma esperança de um futuro glorioso, venceram essa primeira etapa, com a fundação da Missão do Bongo em 1924, da Missão da Luz em 1925, a uns trinta quilómetros ao norte do Dala, ao sul da cidade de Saurimo, capital da província de Lunda-Sul. Seguiu-se a da Namba, em 1928, perto do município de Kassongue, a do Lucusse, em 1932, no Moxico, a do Cuale em 1934, ao norte da ex-Duque de Bragança, hoje Kalandula, e a do Quicuco em 1952, na região de Quilengues.

Para além da fundação de missões, já citadas, também era necessário iniciar uma obra especial nas cidades, a fim de que o evangelho fosse extensivo à etnia branca ali existente. Assim, desde 1945 até 1962, foi fundada e organizada a obra nas grandes cidades, como Benguela, Lobito, Luanda, Namibe, Huambo e Lubango.

Durante aquela época de fundação e organização, os pineiros desta Obra não limitaram a sua visão às missões, embora isso fosse muito necessário, mas tiveram também a preocupação de orga-

nizar a estrutura superior, que é a União Angolana.

Por outro lado, não existiria União sem que tivessem sido eleitos os seus respectivos dirigentes: presidente e outros administradores. Para levar a efeito esse plano, desde 1924 até 1933, a União Angolana conheceu como seu primeiro presidente, o pastor W. H. Anderson, sendo seguido por C. W. Curtis; e, em 1942, por Peter Stevenson, o último presidente que encerrou a primeira etapa da fundação da obra de Deus em Angola.

A coroa desses servos de Deus, e de outros, estará cheia de brilhantes estrelas, que representam as almas ganhas para a eternidade.

Segunda Etapa — “Pene-tração e Desenvolvimento”

Seria um caos se, depois de iniciado algum empreendimento, não houvesse alguém como continuador do mesmo.

Ora, após a morte de Moisés, o Senhor Deus precisou de alguém como continuador da responsabilidade de dirigir o povo escolhido de Israel. Deus viu em Josué capacidade para tal: “Esforça-te, disse Deus, porque tu farás a este povo herdar a terra que jurei a seus pais lhe daria” (Jos. 1:16).

Como foi no passado, de igual modo no presente, Deus deseja ver a Sua causa em contínuo progresso, diri-

gida por homens humildes, dedicados e sábios, por Ele escolhidos para a execução dos Seus desígnios.

Tal aconteceu também com a segunda etapa dessa obra, a da penetração e desenvolvimento, que tem como ponto de partida a chegada, no mês de Janeiro de 1951, do pastor Manuel Lourinho, que veio assumir a direcção administrativa da União Angolana, desta feita como primeiro presidente da segunda etapa, seguido pelo pastor Ernesto Ferreira, seu sucessor, em 1957.

Durante a administração do pastor Ernesto Ferreira, a União Angolana atingiu o ponto mais alto do seu desenvolvimento a todos os níveis: cultural, administrativo, e social. Construíram-se centrais de carácter definitivo, equipadas com todas as estruturas necessárias para o seu desenvolvimento sócio-económico-cultural. Além disso, foi construída a escola do segundo nível na cidade do Huambo, erigidos templos de renome em Luanda, Ganda e Huambo. Realizaram-se muitos cursos de formação feminina para as esposas de obreiros, etc.

Completado o tempo determinado, o pastor Ferreira foi sucedido pelo pastor Armandinho Casaca, até finais de 1974, como último presidente da União e da segunda etapa administrativa da obra em Angola e também durante es-

te período, a obra se foi firmando e avançando.

Terceira Etapa - "Colheita"

A terceira etapa da obra de Deus em Angola, mais conhecida como a da "Colheita" do que foi semeado desde 1922, — "Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento" (I Cor. 3:6) — teve o seu início em 1975, aquando da independência de Angola, altura em que se registou o regresso dos dirigentes portugueses para a sua terra natal. Como não podia deixar de ser, houve grande necessidade de homens qualificados para certas responsabilidades, a fim de que esta obra não parasse a sua marcha triunfante. No momento da grande necessidade, Deus chamou um homem: o pastor Pedro de Freitas, designado como fiel continuador da obra iniciada por consagrados pioneiros, e como primeiro presidente da União Angolana, na terceira etapa da obra em Angola. Não foi uma substituição fácil, mas era necessária.

Aqueles que iniciaram a obra adventista neste país, se vissem como cresceu e o grau de desenvolvimento que ela hoje atingiu, seriam deles as palavras do profeta Habacuque, quando disse: "Aviva, ó Senhor, a Tua obra no meio dos anos, e no meio dos anos a notifica" (Hab. 3:2). Além disso, ficariam contentes com o seu desenvolvimento actual, de tal maneira que não se recordariam sequer dos inúmeros sacrifícios por eles feitos, "numa altura em que as viagens eram demoradas, incómodas e perigosas; em que a defesa contra as bestas feras e mosquitos era deficiente; em que havia falta de artigos de vestuário, de géneros alimentícios; — eles dedicaram sem reservas as suas vidas ao

trabalho missionário. Dos seus sacrifícios colhemos hoje abundantes frutos." (*Boletim Adventista* — Ano II — 16 de Abril 1964.)

O sistema administrativo original da União Angolana assentava nos denominados "campos missionários", que eram em número de dez, e funcionou plenamente até 1981. Como é óbvio, cada campo Missionário era dirigido por um director administrativo, com plenos poderes executivos, presidindo um comité de campo, composto de pastores-chefes de áreas. Mais tarde, em 1982, a Divisão Euro-africana, com sede em Berna, na Suíça, viu a necessidade de uma nova estruturação e reorganização da União Angolana, na sede em particular, e a fusão dos ex-campos missionários em geral, transformando-os em associações. Desta feita, em quatro associações distintas, com base na divisão administrativa do país.

Assim, a União-Sede, bem como a Associação-Norte, foram reorganizadas simultaneamente em 1982, numa assembleia administrativa, presidida pelo pastor Ludescher, presidente da Divisão Euro-africana.

A Associação-Norte, e as outras, foram organizadas da seguinte maneira:

a) Associação do Norte (reorganizada em 1982)

Território:

Bengo, Kuanza-Norte, Cabinda, Luanda, Malanje, Uíge e Zaire

Sede: Luanda

Presidente:

Malaquias Ernesto

b) Associação do Centro (organizada em 1983)

Território:

Benguela, Bié, Huambo e Kuanza-Sul.

Sede: Huambo

Presidente:

Paulino Marcelino

c) Associação do Sul (organizada em 1984)

Território:

Cunene, Kuando-Kubango, Huila e Namibe.

Sede: Lubango.

Presidente: Alexandre Justino

d) Associação do Leste (organizada em 1985)

Território:

Lunda-Norte, Lunda-Sul e Moxico

Sede: Lwena

Presidente: Horácio Paulino

e) União-Sede

(organizada em 1925; reorganizada em 1957; reorganizada em 1982)

Território:

Associação Norte, Centro, Sul, Leste e São Tomé e Príncipe.

Sede: Huambo

Presidente: Vasco Cubenda

Mais tarde, isto é, em 1988, viu-se a necessidade de organizar o campo missionário de São Tomé e Príncipe numa Associação, sendo a quinta da União Angolana. Estabelecida em 1952, foi organizada em 1988, da seguinte maneira:

Associação Santomense

(estabelecida em 1952; organizada em 1988)

Território:

São Tomé e Príncipe

Sede: São Tomé

Presidente:

Manuel do Espírito Santo

A organização da União Angolana em Associações permitiu o seu desenvolvimento mais funcional, do ponto de vista administrativo, organizativo, de evangelização e assistencial.

Para constar, segue o quadro comprovativo que atesta as realidades actuais do seu desenvolvimento em cada Associação, desde 1985 até ao quarto trimestre de 1989, respectivamente, em membros baptizados.

Os números referidos são o fruto abnegado da união dos esforços dos membros e dos obreiros de Angola, na campanha mundialmente conhecida por "Colheita 90".

Que o Senhor nosso Deus continue abençoando, grandemente, a Sua obra sobre a face de toda a terra, e principalmente em Angola, para que dentro em breve possamos entrar na Pátria Celestial, onde estaremos para sempre com o Senhor.

O Pastor Vasco Cubenda é presidente da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia.

UNIÃO ANGOLANA DOS ADVENTSITAS DO SÉTIMO DIA De 1985 até 1990						
Associação	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Centro	36.913	38.909	41.209	43.280	45.447	48.720
Norte	14.371	15.088	16.725	18.891	21.109	24.612
Leste	17.210	18.862	20.732	21.727	23.971	27.807
Santomense	334	337	392	393	431	532
Sul	14.363	15.430	16.801	18.486	20.204	20.780
TOTAIS	83.191	88.625	95.499	102.777	111.162	122.451

Uma Igreja Saudável

Como Começou a Reforma da Saúde? Que se Entende por «Reforma da Saúde»?

Richard W. Schwarz

O Dicionário dá a seguinte definição: “Mudança operada com o intuito de melhoramento; nova organização ou modificação de uma organização existente.” A reforma da saúde tem por objectivo melhorar a qualidade de vida dos crentes adventistas.

Uma pesquisa sobre o conhecimento e atitudes do público em relação à igreja, feita pelo grupo Gallup em 1986, revelava que as pessoas associavam os Adventistas do Sétimo Dia com a saúde. “As preocupações dos Adventistas são vistas como dando ênfase a este mundo... não com o fim da vida no planeta, mas com a sua melhoria.”¹ Alguns acontecimentos de há 125 anos poderão ajudar a explicar como tal percepção se foi desenvolvendo.

Efectivamente, foi por volta de 1866 que os Adventistas tomaram consciência de que Deus esperava que cuidassem dos seus corpos de maneira bem diferente da que era seguida pela maioria dos seus compatriotas americanos. Pelo exemplo de Joseph Bates e por conselhos recebidos por Ellen White em visões, estes primeiros membros começaram por reformar os seus hábitos de beber. O chá, o café e todas as espécies de bebidas alcoólicas foram abandonados. Nos princípios da década de 1850, eles já tinham abandonado igualmente o uso do tabaco.

A Sra. White viu também em visão que os crentes deviam apresen-

tar um padrão de aßeio mais elevado do que os não crentes. A sua dieta deveria ser simples. Alimentos integrais, livres de gordura, deviam substituir os alimentos ricos, designados tão-somente para estimular as paixões do apetite. Mas a instrução a este respeito não foi dada toda de uma vez. Informações mais detalhadas foram adiadas até que os membros dispersos tivessem tempo para assimilar os conselhos já recebidos.

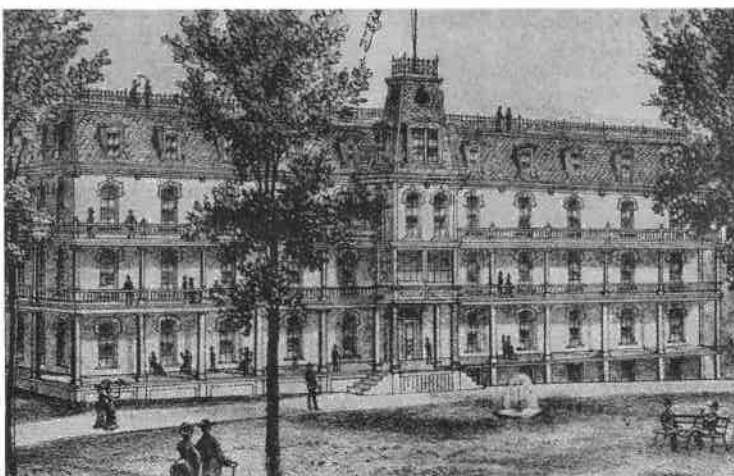
Alguns adventistas devem ter ficado bastante impressionados com o que Ellen White escreveu quanto a investigar as abordagens não convencionais da prestação de cuidados de saúde promovidas por reformadores tais como os Drs. J. C. Jackson, R. T. Trall e L. B. Coles. Quando, no princípio de 1863, dois dos filhos dos Whites foram atingidos por difteria, alguém mostrou a James White um artigo do Dr. Jackson, que advogava o tratamento da difteria sem o uso das drogas tradicionais. Em seu lugar, Jackson prescrevia uma combinação de banhos quentes, compres-

sas frias, uma dieta líquida, muita água e ar puros. Os Whites decidiram seguir esse método — e obtiveram excelentes resultados.

Esta experiência pessoal, sem dúvida, preparou os Whites para a abrangente visão que Ellen recebeu a 5 de Junho de 1863. Foi-lhe dito que “era um dever sagrado cuidar da nossa saúde e despertar outros para o seu dever.”² A saúde é melhor preservada pela temperança, a qual não consiste apenas em abster-se do álcool, mas também em ser judicioso no trabalho, na comida e no uso de medicamentos. Os melhores remédios, como foi mostrado a Ellen White, eram a água pura, o ar puro, o exercício moderado, uma dieta simples sem carne, a luz do sol, o vestir-se de modo adequado e uma firme confiança no auxílio divino.

Conquanto a visão patenteasse os princípios essenciais do viver saudável, era deixado aos crentes, individualmente, o pô-los em prática. James White, como um dos principais fundadores da nova igreja, tomou a dianteira e começou a ler livros e revistas preparados por esses primeiros reformadores da saúde. Começou também a promover algumas das suas ideias na *Review and Herald* e a oferecer as suas publicações a leitores interessados.

Sua esposa, porém, absteve-se de ler essas obras até escrever as ideias básicas que ela mesma recebera em visão.



Obtendo Conhecimentos Importantes

Quando Ellen White terminou o seu escrito inicial sobre o assunto, ela e seu marido decidiram ir visitar o estabelecimento de saúde do Dr. Jackson, em Dansville, no estado de Nova Iorque. Durante uma estadia de três semanas na instituição chamada “Our Home” [O Nosso Lar], em Hillside, no ano de 1864, os Whites adquiriram conhecimentos muito proveitosos.

Mas nem tudo lhes agradou. A ênfase dada aos jogos de cartas, ao teatro e a uma reforma extrema no vestuário para as senhoras perturbou particularmente Ellen. Quando os seus companheiros crentes visitavam instituições de reforma da saúde, como a de Dansville, a Sra. White recomendava que “levassem sempre consigo a peneira do evangelho e passassem por esse crivo tudo o que ouvissem, para que pudessem escolher o bom e rejeitar o mau”.³

Na sessão da Conferência Geral que teve lugar na Primavera de 1865, James White aceitou a presidência da igreja. Ora, isso acrescentado às muitas responsabilidades que já tinha, levou-o a trabalhar demasiado, o que contribuiu para o ataque de paralisia que o acometeu no fim do Verão.

A despeito das suas reservas quanto aos métodos do Dr. Jackson, quando os tratamentos simples que ela era capaz de ministrar não trouxeram muitas melhoras a James, Ellen recorreu a ele. Voltando a Dansville, os Whites seguiram o programa de tratamentos e dietas prescrito por Jackson. Contudo, as melhoras eram muito poucas, e quando o médico insistiu para que James fosse mantido afastado de orações e serviços religiosos, a “peneira do evangelho” de Ellen objectou.

Por volta do mês de Dezembro, a Sra. White decidiu levar o marido para a casa de amigos que viviam perto de Rochester, também no estado de Nova Iorque. Quando ali se encontravam, no dia de Natal de 1865, ela teve outra visão sobre o viver saudável — uma espécie de presente de Natal para a jovem igreja. Foi-lhe mostrado em visão que os Adventistas do

Sétimo Dia não tinham prestado suficiente atenção aos seus princípios da saúde. Ela e James foram instruídos a praticar mais temperança no seu trabalho, não tendo que sentir-se obrigados a responder afirmativamente a todos os pedidos que os seus irmãos e irmãs lhes fizessem.

Nessa visão, foi também mostrada à Sra. White que era tempo de os Adventistas abrirem as suas próprias instituições de saúde. Isso parecia um projecto ousado, uma vez que James, o principal organizador e colector de fundos da igreja, se encontrava ainda semi-invalído. Não obstante, na sessão da Conferência Geral que teve lugar na Primavera de 1866, os dirigentes da igreja decidiram angariar fundos para o estabelecimento do Instituto Ocidental de Reforma da Saúde [Western Health Reform Institute]. J. N. Loughborough, então presidente da Associação do Michigan, foi ter com um negociante e fabricante de vassouras, J. P. Kellogg, e solicitou-lhe uma contribuição. Kellogg concordou em dar 500 dólares como “contribuição inicial”. A Sra. White conseguiu pouco depois igualar esta soma.

Algumas semanas mais tarde, os fundos recebidos nos estados do Michigan e Nova Iorque permitiram a compra de uma propriedade em Battle Creek. Foram então recrutados dois médicos adventistas, que tinham trabalhado com o Dr. Jackson em Dansville, H. S. Lay e Phoebe Lamson, para administrarem a nova instituição. Nesse Verão, o Dr. Lay começou também a publicar uma pequena revista intitulada *Health Reformer* [Reformador da Saúde], tendo o primeiro número saído em Agosto de 1866. Mais um mês e o Instituto Ocidental de Reforma da Saúde estava pronto a começar as suas funções. No dia 5 de Setembro foi admitido o primeiro doente.

Tanto a nova revista como o instituto desfrutaram de considerável êxito inicial junto de adventistas e não adventistas. Entrou-se a seguir num período de declínio, atribuível, em grande parte, à falta de treino médico e experiência dos médicos adventistas adeptos da reforma da saúde.

Aconteceu, também, que as capacidades financeiras e editoriais de Lay se demonstraram algo questionáveis. Num esforço para obter mais assinantes para a revista *Health Reformer*, Lay solicitou material ao impetuoso reformador R. T. Trall, que era dado a extremos, tais como banir completamente o sal de toda a alimentação. Isso fez-nos perder muitos leitores.

Tiago White, que na altura já se encontrava bastante melhor de saúde, tomou então à sua responsabilidade a redacção do *Reformer*. Ele e Ellen estavam convencidos de que deviam recrutar jovens adventistas talentosos e procurar que recebessem a melhor instrução médica disponível. A estrela desse seu recrutamento foi John Harvey Kellogg, que foi estudar para a Universidade do Michigan e para a Faculdade de Medicina do Hospital Bellevue, em Nova Iorque.

O jovem Dr. Kellogg trabalhou primeiro como redactor-adjunto de James White, na revista *Health Reformer*. Mais tarde tornou-se seu editor e pouco depois mudou o título dessa publicação para um mais positivo: *Good Health* [Boa Saúde]. Por volta de 1876, Kellogg estava em condições de assumir a direcção do Instituto Ocidental de Reforma da Saúde. E em breve deu também um novo nome a esta instituição: Sanatório de Battle Creek. Um dos seus objectivos era fazer com que a palavra *sanatório* [Sanitarium] significasse um lugar onde as pessoas vinham aprender a maneira de permanecerem em boa saúde.

Multiplicam-se os Sanatórios

Nas décadas seguintes, Kellogg ajudou a começar outros sanatórios no Colorado, na Califórnia, no Massachusetts e noutros lugares. A revista *Good Health* era lida por um crescente número de não adventistas, muitos dos quais considerados importantes líderes, como I. K. Funk, editor do dicionário Funk e Wagnalls.

O principal objectivo, tanto do Instituto Ocidental de Reforma da Saúde como da revista *Health Reformer*, era ajudar os adventistas a desenvolverem um estilo de vida mais saudável. Os dirigentes da igreja acre-

ditavam também ser seu dever partilhar os conhecimentos que possuíam sobre saúde com aqueles que não eram membros da igreja. Isso teria um amplo efeito evangelizador. “O grande objectivo ao receber não crentes na instituição [o sanatório] é levá-los a abraçar a verdade”, escreveu Ellen White.⁴

À medida que os sanatórios adventistas se iam multiplicando por todo o mundo, nos anos a seguir a 1866, achou-se necessário adaptarmo-nos às muitas mudanças nas práticas médicas. Quase imperceptivelmente, os sa-

natórios foram-se transformando em hospitais de cuidados intensivos — e dos mais notáveis! — em vez de agências de reforma do estilo de vida. Todavia, através deles, e através de livros e revistas adventistas sobre saúde, centenas de milhares de pessoas têm tomado conhecimento dos segredos de um viver melhor que tão graciosamente foram dados por Deus à igreja, há 125 anos.

Se os nossos hospitais não atingiram o pleno potencial visionado pelos nossos pioneiros, talvez seja ainda tempo de recuperar a visão de in-

formar um mundo interessado na saúde sobre a verdade do Salvador presentes a vir.

1. Malcolm Bull e Keith Lockhart, *Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventism and the American Dream* (São Francisco, Harper and Row, 1989), p. 9.

2. Citado em D. E. Robinson, *The Story of Our Health Message*, p. 77.

3. E. G. White, *Testimonies*, vol. 1, p. 490.

4. *Ibid.*, p. 560.

Richard W. Schwarz, actualmente aposentado, foi professor de História na Universidade de Andrews.

NOTÍCIAS

Viana do Castelo: Auxílio ao Próximo

Foi em Setembro de 1991, no início de mais um ano de actividades, que os irmãos da nossa igreja sentiram a necessidade de se dedicar mais ao trabalho cristão de ajudar o próximo. A passagem de Isaiás 58:7 falou realmente aos nossos corações. E logo se nos deparou um trabalho deste género.

Na cidade de Viana vive uma família de idosos, composta de um irmão e duas irmãs, uma das quais é alcoólica e sofre de perturbações mentais. Ao tomarmos conhecimento das péssimas condições em que viviam, decidimos, com a ajuda de Deus, meter mãos à obra: limpar e renovar a sua casa, criando melhores condições para viverem. Mas a situação era de facto extrema e não sabíamos como começar. Orámos ao Senhor para nos inspirar e decidimos fazer uma saída missionária a fim de contactar com outras pessoas e angariar peças de mobília e roupas, sobretudo de cama, para essa família. Nesse mesmo dia à noite, com uma carrinha, procedeu-se à recolha desses dons e, pela graça de Deus, eram tantos que não havia espaço para mais.

No domingo, bem cedo, prontos e equipados, dirigimo-nos à casa desta família e não vale a pena entrar em pormenores quanto às condições de insalubridade em que viviam. Era um quadro por demais doloroso. Tivemos de retirar tudo de casa — e nada se aproveitou — e fazer uma limpeza e desinfecção a fundo. Uma vizinha emprestou-nos mesmo máscaras para podermos fazer esse trabalho. Aliás, a vizinhança foi muito simpática e prestativa, e este foi um dos pontos in-

teressantes do trabalho: a rua encheu-se de gente que perguntava quem éramos e o que fazíamos. Depois de lavarmos e cuidarmos das senhoras, vestimo-las de lavado e entregamos-lhes mais algumas roupas para guardarem. Elas estavam tão felizes que se agarravam a nós aos beijos.

Naquele dia, já eram cinco e meia da tarde quando fomos almoçar, mas sentiamo-nos felizes por aquele trabalho.

Pouco depois, um casal de sobrinhos desta família, encorajado, ou envergonhado, pela nossa acção, dispôs-se a consertar-lhes a casa de banho, a qual já não funcionava havia muitos anos. As coisas pareciam, portanto, encaminhar-se para a felicidade desta família.

Infelizmente, pouco tempo depois, a senhora doente foi atropelada e partiu uma perna. E de novo a igreja de Viana do Castelo entrou em acção. Ao saber que a senhora já se não encontrava no hospital, fomos a sua casa e a situação com que deparámos... obrigou-nos a recomençar o nosso trabalho. Era porém evidente que o seu estado requeria que fosse novamente internada. Chamámos um ambulância que a levou ao hospital e ali procurámos ir acompanhando este caso, o que, além de útil para a família, foi um bom testemunho, pois os próprios médicos, sabendo que não éramos parentes seus, se admiravam do nosso interesse. Mas, para nós, ela era “um dos pequeninos irmãos” de Jesus, que Ele confiara ao nosso cuidado.

Sabemos que há muita gente à nossa espera e que é nosso dever ter

uma acção social no mundo. Pedimos a Deus que nos dê forças para fazer o trabalho que está diante de nós e que, de certa maneira, é o

mesmo que Jesus fez nesta terra.

Olga Carvalhido
Igreja de Viana do Castelo

Convenção Anual de Colportores-Evangelistas

No dia 15 de Dezembro, pelo meio da tarde, vindos dos mais diversos pontos do país, começaram a chegar à sossegada cidade de Santa Maria da Feira os Colportores-evangelistas da nossa União, bem como diversos colaboradores da Publicadora Atlântico.

Entre o cerrado arvoredo que circunda o belo castelo, encontram-se as modernas e confortáveis instalações do INATEL. Foi nesse lugar que, durante três dias, foram tratados importantes temas relacionados com a obra das publicações adventistas no nosso país. Foi um encontro de agradável convívio e muito trabalho.

A orientação dominante dos temas tratados foi a evangelização. Vivemos nos dias finais da história desta terra e necessitamos de fazer o nosso trabalho de tal maneira que possamos chegar a cada habitante do território que nos está confiado. É necessário ir a todo o lugar e visi-

tar cada alma que vive na nossa zona. Há igualmente necessidade de reestruturar os territórios e reorganizar o material disponível para podermos aumentar o número de colportores. Só assim conseguiremos chegar mais além do que nos tem sido possível até agora.

Nesta Convenção, despediram-se do grupo de colportores regulares, por motivo de limite de idade e reforma, os seguintes irmãos: Isaiás da Silva, com 40 anos de serviço; Eurico Dias, com 19; José Pacheco, com 16. Mas, graças a Deus, tivemos outros que pela primeira vez participaram em acções deste tipo e que serão colportores que irão substituir aqueles que, pela força das circunstâncias, têm agora que parar. Entregámos, também, quatro placas comemorativas aos colportores Acácio Santos, Carlos Jales, Cristóvão Pereira e Francisco Carvalho, que durante o ano de 1991 completaram dez anos de serviço.



Da parte da Divisão Euro-Africana esteve connosco o Pastor Paul Bleeckx, que animou bastante esta Convenção. Teve a seu cargo a motivação espiritual e ajudou-nos a concentrar os nossos espíritos na missão final da igreja, de levar o último apelo ao mundo, e na importância da mensagem impressa.

A casa Publicadora apresentou um novo livro: *Assim Começa a Vida*. Estamos certos de que os assinantes da revista *Nosso Amiguinho*, bem como as crianças das nossas igrejas que ainda não tiveram a oportunidade de receber a nossa revista, poderão beneficiar deste precioso material informativo e formativo. Para os colportores, eles certamente encontrarão no referido livro um precioso meio para realizar o seu trabalho. Trata-se de uma obra sobre educação sexual, inteiramente

preparada pelo corpo redactorial da Publicadora Atlântico, e cuja autora é a Dra. Ana Cristina Silva.

Existem outros projectos e esperamos que o Senhor a todos possa coroar de êxito. A Publicadora, o Departamento de Publicações e os Colportores-evangelistas precisam de cooperar como nunca antes. Talvez não esteja longe o dia que será o último em que poderemos colportar; até lá convém aproveitar cada momento para fazer a obra do Senhor. Oxalá que todos quantos se dedicam à obra das publicações o façam com entusiasmo e com a visão espiritual de que para tal são necessários. "Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim" (Mat.24:46).

Fernando Ferreira
Departamental de Publicações



Grupo de colportores que entraram na reforma. Da esquerda para direita: Ir Noémia, esposa do Ir. José Pacheco, que vem a seguir, Irs. Eurico Dias, Isaías da Silva, Fernando Ferreira e Paul Bleeckx (estes dois, directores de publicações da União e Divisão, respectivamente).

Igreja das Caldas da Rainha: 5 Baptismos

Terminado que foi um ano e meio de intensa actividade missionária, a igreja das Caldas da Rainha viu crescer o número dos seus membros em mais cinco almas. O Sábado, dia 22 de Fevereiro deste ano, marcou assim uma realidade reveladora de que, mesmo em meio a vicissitudes, o Espírito de Deus continua a actuar, levando homens e mulheres a entregar-se à Sua influência.

A experiência da irmã e dos quatro jovens que desceram às águas baptismas revela igualmente o impacto benéfico que a mensagem adventista, guardando a sua essência, tem no nosso mundo. E quatro dos novos cinco membros são oriundos do que habitualmente é designado por "mundo". A sua integração na igreja concretizou-se através da acção especial de vi-

sitas da Escola Sabatina. Esta classe é dirigida por um jovem de dezanove anos, o Luís Figueiredo. Ele deu-se, de coração, a esta tarefa que se integra numa dinâmica especial desenvolvida pela igreja das Caldas desde os finais do último verão, e da qual se têm colhido boas bênçãos.

Um dos momentos altos desse dia foi o testemunho da mãe de um dos jovens que conheceu a Igreja Adventista graças ao testemunho de porta-a-porta de duas dedicadas irmãs. Era a primeira vez que aquela senhora estava entre nós e quando convidada a deixar algumas palavras relativas à circunstância, testemunhou os bons resultados observados na vida de seu filho desde que ele seguia este caminho: melhor saúde e aproveitamento escolar mais efectivo.

Amor às almas e trabalho perseverante e persistente, segundo as orientações da Sagrada Escritura e do Espírito de Profecia, são as coordenadas que balizam a experiência desta igreja. E uma vez

mais ela correspondeu, de forma maravilhosa, ao alto padrão da sua vocação: **a evangelização.**

Luís Nunes
Pastor das igrejas de
Caldas da Rainha e Cadaval



Aguardando a Ressurreição

Manuel Leal

Em Paris, onde se encontrava em casa de sua filha Irene, faleceu, no dia 17 de Dezembro de 1991, o Pastor Manuel Leal, obreiro aposentado da nossa União.

Nascido em Lisboa, a 18 de Março de 1904, o Ir. Leal fez os seus estudos no Seminário Adventista de Collonges e começou o seu trabalho regular na então Missão Portuguesa em Maio de 1932. Antes porém, em 1929 e 1930, trabalhara na colportagem com grande êxito e ao regressar a Portugal, a sua primeira responsabilidade foi precisamente como departamental de Publicações. Três anos mais tarde ingressa na evangelização directa, trabalho para o qual tinha um verdadeiro dom. Esteve primeiro em Portalegre, a seguir na Ilha da Madeira, depois em Braga, onde iniciou o trabalho adventista, e a seguir em Tomar. Em Agosto de 1941 é chamado a pastorear a igreja do Porto. Em 1945 volta a Lisboa, a sua terra natal, desmentindo o velho ditado, pois foi de facto "um profeta na sua terra", e durante 7 frutuozos anos. Aqueles que tiveram a oportunidade de assistir às suas célebres conferências públicas, recordam a maneira directa e frontal com que o Pastor Leal falava da "igreja rica" e da "igreja pobre", a que tinha a fé de Jesus Jesus e a que pregava doutrinas e tradições dos homens. E com que interesse, nós, jovens, seguíamos aquela descodificação de algarísmos árabes e romanos, para chegar ao fatídico 666! Já nessa al-

tura o Ir. Leal revelava grandes dotes pedagógicos e a sua responsabilidade seguinte foi precisamente como director do Curso Bíblico, estabelecido em Lisboa em 1953.

Em Julho de 1956, o Ir. Leal volta à evangelização directa, primeiro em Faro, e depois em Espinho, mas razões de saúde levam à sua prematura aposentadoria, que tem lugar em 1961.

Passado algum tempo porém, e um pouco refeito na sua saúde, o Pastor Leal dedica-se ao seu passatempo preferido, a apicultura, que, dizia ele, era apenas um trabalho manual e não o cansava. Mas, leitor e pesquisador atento, em breve se tornava também perito nesta arte, cujos benéficos resultados comprovou, pelo que pôde ainda dedicar alguns anos a colaborar na igreja de Vila Franca de Xira.

Casado com Adozinda da Nave Leal, que o precedeu no descanso, os nossos irmãos tiveram cinco filhos, um rapaz e quatro raparigas, as quais vivem todas no estrangeiro. Duas são casadas com pastores adventistas.

Em Paris, o Ir. Leal teve ainda algumas melhoras e o privilégio de gozar da companhia da Irene, Noémia e Rute. A Alice visitara-o em Fevereiro desse ano, quando viera do Canadá passar alguns dias em Portugal.

Ao serviço fúnebre, realizado em Paris, assistiram as filhas, netos e amigos.

À Alice e Pastor João Chaves, Irene e Pastor Maurice Verfaillie, à Rute, Noémia e António Leal, bem como aos netos e demais família, apresentamos sentidas condolências.

M. R. Baptista

Jesus é a Resposta

Num programa televisivo de sábado, 7 de Março, à noite, um padre da Igreja Católica fez algumas declarações sobre a Igreja Adventista, que pela sua falta de exactidão merecem um esclarecimento. Por não termos acesso, lamentavelmente, ao mesmo meio de comunicação, utilizaremos as colunas da *Revista Adventista*.

O assunto em debate era o surgimento da Igreja Maná e outras novas Igrejas em Portugal, nos últimos anos, com as suas actividades carismáticas e milagreiras. Interrogado sobre as causas e origem deste fenómeno religioso, a referida autoridade católica atribuiu-o, genericamente, ao vazio que se vive na sociedade actual, especificando, no entanto, que os Mórmons e a seita Moon tiveram a sua origem no Adventismo e que as suas doutrinas se inspiram na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Tal declaração é errada, capciosa e, consciente ou inconscientemente, intencional. É significativo que a Igreja Adventista seja responsabilizada por fenómenos religiosos que ela própria bíblicamente denuncia como a Babilónia religiosa, e das quais se distingue. Referindo-se a essas actividades milagreiras, o apóstolo João esclarece: “E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demónios, que fazem prodígios” (Apoc. 16:13, 14; Ver também Apoc. 14:6-9).

Quanto à origem dessas igrejas, vejamos sucintamente alguns dados concretos,

para confirmação do que acaba de ser dito.

Os Mórmons, também conhecidos como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, surgiram como um movimento leigo. Na sua origem estão as visões que o seu fundador, Joseph Smith, começou a ter a partir de 1820, vindo a organizar-se como igreja em 1830. Deus Pai e Jesus terão aparecido a Joseph Smith, dizendo que todas as igrejas existentes estavam em erro, e que o Evangelho devia ser restaurado por ele.

A seita Moon surgiu em 1936, com o seu fundador Sun Myung Moon, na Coreia do Norte. Convertido inicialmente ao Metodismo, Moon foi pregador Pentecostal de 1945 a 1950.

Segundo o livro *Os Princípios Divinos* (Tradução das revelações de Deus feitas a Moon), Jesus falhou nas suas tentativas de restaurar a humanidade. Moon e sua mulher darão origem a uma humanidade perfeita, reunindo as igrejas cristãs numa Nova Igreja, que suplantarão o Cristianismo, tal como este suplantou o Judaísmo. Assim sairá vitorioso dos assaltos de Satanás, identificado com o Comunismo.

A Igreja do Maná foi fundada há sete anos em Portugal pelo Eng.º Jorge Tadeu, que é hoje o seu pastor principal. Quando vivia na África do Sul, o pastor Tadeu pertencia à Igreja ‘Rema Kol’, (Pentecostal). Estando a participar na Igreja Assembleia de Deus, teve um chamado de Deus para vir a Portugal, a fim de fundar a igreja do Maná.

Mencione-se, de passagem, a Igreja Universal de Deus, fundada há 14 anos no Brasil e que se encontra também em Portugal há dois anos. Os seus fundadores são provenientes de várias igrejas com carisma de pentecostalismo.

Como facilmente se infere, a Igreja Adventista nada tem a ver com o surgimento dessas Igrejas e muito menos é a base de inspiração para as doutrinas das mesmas. A situação, porém, não é nova. Já Elias e os apóstolos foram acusados como os perturbadores dos males da época.

A pregação de Pedro e dos demais apóstolos sobre o arrependimento e a conversão (Act. 1, 2 e 3:19) provocou incómodo e inveja, a ponto de serem lançados na prisão (Act. 4:1,2; 5:17-18) com a censura: “Não vos admoestamos nós expressamente para que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina” (Act. 5:28). A resposta foi perentória, e altissonante: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens. ... E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo” (Act. 5:29 e 42).

Pelo seu apego às Escrituras, os Adventistas são caracterizados como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus”, provocando isso a ira do inimigo (Apoc. 12:9,17). Tal como no tempo dos apóstolos, estas experiências devem tornar-nos mais activos e fervorosos na proclamação do Evangelho, do arrependimento e conversão a Jesus, o único Mediador e Salvador eficaz. “A palavra de Deus

deu o aviso do perigo iminente; se este for desatendido, o mundo protestante saberá quais são realmente os propósitos de Roma, apenas quando for demasiado tarde para escapar da cilada. Ela está silenciosamente crescendo em poder. As suas doutrinas estão a exercer influência nas assembleias legislativas, nas igrejas e no coração dos homens. Está a erguer as suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as antigas perseguições. Sorrateiramente, e sem despertar suspeitas, está aumentando as suas forças para realizar os seus objectivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo que deseja é oportunidade, e esta já lhe está sendo dada ... Quem quer que creia na Palavra de Deus e a ela obedeça, incorrerá por esse motivo em censura e perseguição.” — *O Grande Conflito*, cap. 35, p. 466.

Qual deve ser a nossa atitude, entretanto, e qual deve ser a nossa resposta? É a mesma dos apóstolos — Jesus Cristo, e este crucificado, que está intercedendo por nós no santuário celestial e que virá muito em breve. Ele prometeu e não falhará: “Não se turbe o vosso coração ... Vou preparar-vos lugar ... Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (João 14:1-3).

Que estes acontecimentos nos lembrem as palavras de Jesus, “Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima” (Luc. 21:28), e que sirvam para aumentar a nossa fé e acção missionária.

Joaquim Dias

Pastor da igreja central de Lisboa